



O USO DA ARTE COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO NAS MANIFESTAÇÕES COTIDIANAS DAS EXPRESSÕES DA QUESTÃO SOCIAL

FERREIRA, José Wesley¹
SANTOS, Franciele Machado²

RESUMO: O presente estudo é fruto da experiência oportunizada pelo projeto de extensão Serviço Social Sociojurídico: Núcleo de Atendimento às Demandas de Violência Doméstica e/ou Intrafamiliar. Objetiva discutir acerca das possibilidades de intervenção, para o assistente social, utilizando a arte. Fundamentando-se no potencial sensibilizador desta para que os sujeitos se reconheçam enquanto agentes que reproduzem e fortalecem os processos de violência, mas que também sofrem com a violência estrutural, elemento determinante das relações sociais na sociedade capitalista, manifestada através das expressões da questão social. Os atendimentos, eram realizados a partir de entrevistas dialético-reflexivas. Ao final desse processo identificou-se a necessidade do processo de conhecimento antes de se iniciar qualquer processo de intervenção, para que a partir disto, e com o uso da arte, os usuários possam compreender os processos particulares de uma forma mais ampla, desvendando as relações de estranhamento entre si e as coisas, no intuito de instigar processos reflexivos.

PALAVRAS-CHAVE: Serviço Social; Arte; Intervenção.

INTRODUÇÃO

A proposta deste relato é discutir sobre as possibilidades de intervenção para o assistente social, utilizando como instrumento de trabalho a arte. Tendo em vista que, a arte, tomada como expressão das apreensões subjetivas da realidade vivida pelos sujeitos, apresenta-se como uma possibilidade do ser social experimentar sua sensibilidade, captada através dos sentidos, e materializá-la através da construção artística. Configurando-se como uma atividade que aprimora os sentidos reflexivos, na medida em que os elementos que o sujeito traduz na obra artística podem evidenciar os processos de opressão, violência, desigualdade social, resistência, entre outros, presentes na realidade objetiva.

Tendo como campo de trabalho o projeto de extensão: Serviço Social Sociojurídico: Núcleo de Atendimento às Demandas de Violência Doméstica e/ou Intrafamiliar, que teve como objeto de estudo e intervenção os processos de violência vivenciados pelos usuários, compreendendo-os a partir da dinâmica estrutural da sociedade capitalista. Destaca-se o caráter interventivo do Serviço Social como base para esta proposta de trabalho, pois tal característica faz com que seja necessário buscar estratégias, no que se refere as ações realizadas pelos assistentes sociais, na intervenção das mais variadas expressões da questão social, que se apresentam diariamente nos espaços sócio-ocupacionais.

Sendo assim, a apreensão da questão social na vida do sujeito, o processo interventivo e a problematização da arte como instrumento de intervenção são elementos centrais da discussão deste estudo, o qual busca refletir sobre esses processos.

¹ Prof. Dr. em Serviço Social na Universidade Federal do Pampa – Unipampa.

² Mestranda em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.



1. O TRABALHO DO ASSISTENTE SOCIAL

O trabalho é uma categoria fundamental na relação do homem com a natureza que o cerca e com as relações que estabelece com os seus pares na sociedade, pois é pelo trabalho que o homem se reconhece enquanto ser social, tendo em vista que, é por meio deste que o homem pode modificar a natureza, no intuito de satisfazer suas necessidades, e nesse processo modificar a si mesmo (MARX, 2003). Conforme Iamamoto (2011), o trabalho: “opera mudanças tanto na matéria ou no objeto a ser transformado, quanto no sujeito, na subjetividade dos indivíduos”, num processo que permite ao homem descobrir novas aptidões, conhecimentos e experiências, aprimorando cada vez mais seus sentidos e técnicas. Esse ato de modificar as coisas e os sujeitos, requer uma dimensão teleológica, isto é, ao executar o trabalho o homem antecipa, num processo de prévia ideação, os passos constituintes de tal atividade, bem como seu resultado final. Essa ação de racionalizar é que torna o trabalho uma atividade essencialmente humana (MARX, 2003).

Entretanto, o trabalho sob a lógica capitalista, não assume de maneira plena esta dimensão, pois na sociedade capitalista, a propriedade privada dos meios de produção, impede que o trabalho se caracterize como uma atividade libertadora, conseqüentemente os trabalhadores alienam-se do processo de planejamento da confecção do objeto, do objeto produzido e das relações com os outros trabalhadores.

Nesse sentido, problematizar o Serviço Social enquanto trabalho, centrado na análise da profissão como uma ocupação inserida e regulada pelo modo de produção capitalista, mostra-se fundamental. Visto que, é nos anos de 1980 que os assistentes sociais iniciam um movimento de pensar a profissão a partir da dinâmica das instituições e das relações de poder institucional, bem como dos movimentos e lutas sociais (IAMAMOTO, 2011).

Partindo dessas considerações, percebe-se então a inegável dimensão política e social que o Serviço Social possui, justamente por estar inserido numa sociedade capitalista, de caráter contraditório e permeada por interesses antagônicos. O Serviço Social se caracteriza pelas relações estabelecidas entre Estado e sociedade, e surge como reflexo das intervenções do Estado nas condições de desigualdades sociais agravadas pelo fortalecimento do modo de produção capitalista.

1.1 TRABALHO DO ASSISTENTE SOCIAL NO SOCIOJURÍDICO

Fazendo um breve resgate histórico a respeito do Serviço Social e da esfera jurídica, pôde-se identificar a presença deste no âmbito judiciário desde o surgimento da profissão no Brasil, caracterizando-se como um dos primeiros espaços sócio-ocupacionais dos assistentes sociais. Isto pode ser verificado através da seguinte passagem:



[...] um dos primeiros campos de trabalho de assistentes sociais na esfera pública foi o Juízo de Menores do Rio de Janeiro [...] emergente, diante do agravamento dos problemas relacionados à 'infância pobre', à 'infância delinquente', à 'infância abandonada', manifestos publicamente no cotidiano da cidade, o serviço social é incorporado a essa instituição como uma das estratégias de tentar manter o controle almejado pelo Estado sobre esse grave problema, que se aprofundava no espaço urbano (IAMAMOTO e CARVALHO: 1982 apud CFESS: 2014, p. 13).

Neste sentido, o jurídico mostra-se inicialmente apenas como uma estrutura de controle, conformação e manutenção do status quo. A partir disto, o Serviço Social trabalha numa perspectiva de legitimação das variadas formas de opressão e dominação, através das sanções impostas pelos aparatos jurídicos, ignorando as determinações sociais que contribuem para que essas situações aconteçam (CFESS, 2014)

O Serviço Social encontra base, para aprofundar o desenvolvimento e o estudo acerca das práticas desempenhadas nessas instituições, nos documentos legais elaborados e implementados pela esfera jurídica, como, por exemplo, a aprovação do Código de Menores (1927) e do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), pois os mesmos desencadearam a expansão da inserção do assistente social neste cenário.

Fato que, no transcorrer deste processo histórico, contribuiu para a consolidação do Serviço Social e para ampliação de sua atividade através da "inserção profissional nos tribunais, nos ministérios públicos, nas instituições de cumprimentos de medidas socioeducativas, nas defensorias públicas, nas instituições de acolhimento institucional, entre outras" (CFESS, 2014, p. 13).

Apesar, dessa caracterização histórica entre Serviço Social e esfera jurídica o termo 'sociojurídico' mostra-se relativamente novo e as funções assumidas pelos assistentes sociais no ambiente jurídico também adquirem esse caráter. Se outrora, essa atuação era desprovida de subsídios teóricos críticos acerca da realidade e das instituições jurídicas, fazendo com que a prática reproduzisse as dimensões disciplinadoras e moralizantes legitimadas por estes espaços, a partir da Constituição Federal de 1988, estas perspectivas mostram-se revisitadas e reelaboradas, adquirindo uma roupagem de defesa de direitos coletivos ou individuais, por meio do Ministério Público e da Defensoria Pública.

Destaca-se que:

O termo 'sociojurídico' revela o lugar que o serviço social brasileiro ocupa neste espaço sócio-ocupacional, após seu redirecionamento ético e político, disposto a analisar a realidade social em uma perspectiva de totalidade e em meio a contradições sociais profundas (CFESS, 2014, p. 14).

Nesta perspectiva, a intervenção do Serviço Social no âmbito sociojurídico trabalha com as manifestações da questão social e sua articulação direta com os processos burocráticos do Direito e da Justiça. Entendendo que, a seu processo interventivo visa



contribuir para incorporação, na esfera do direito, da compreensão da historicidade ontológica do ser social, problematizando que as demandas contidas nos processos judiciais são produto das relações de produção capitalista.

3. O PROCESSO INTERVENTIVO

Durante as abordagens ficou evidente que a rotina cotidiana dos sujeitos impõe muitas obrigações que devem ser cumpridas, estabelecendo ritmos acelerados e múltiplas tarefas, fato que impossibilita o processo de reflexão acerca de sua dinâmica de vida, do seu trabalho e das suas relações sociais. Fazendo com que o sujeito se aliene cada vez mais em seu cotidiano. Isto foi percebido através do conteúdo manifestado nos relatos dos sujeitos atendidos pelo projeto.

No momento, por exemplo, em que eles expressavam que tinham muitas dívidas para quitar, mas ainda não haviam recebido e que devido à preocupação com tal situação acabavam buscando o uso do álcool para amenizar as pressões que sentiam. Entretanto, esse processo gerava apenas um alívio momentâneo, pois posteriormente os sujeitos pensavam que agora tinham mais outra dívida para se preocupar. Percebe-se, então, que processos como o etilismo, emergem na subjetividade dos sujeitos como resultados decorrentes da estrutura econômica capitalista.

Faz-se necessário, apresentar outros elementos que surgiram durante o processo de desvendamento das expressões da questão social. Foram identificados processos sociais como abandono, machismo, desemprego/trabalho informal, pobreza, evasão escolar, etilismo, uso de drogas, migração, fragilização dos vínculos familiares, prostituição. Sendo que alguns desses processos podem foram identificados em relatos que informam sobre o abandono quando o sujeito tinha apenas oito meses de vida, sobre o ciúme que o homem sentia de sua companheira e que, portanto, não permitia que ela saísse para passear, sobre o sujeito que se via em situação de efetuar qualquer trabalho para prover o sustento da família, etc.

Pode-se visualizar, através desses relatos, as manifestações das expressões da questão social. A questão social está presente no real, mas só pode ser vista concretamente nestas manifestações, pois ela não se apresenta imediatamente como determinação do conflito capital-trabalho. Logo, para compreender tais manifestações presentes no cotidiano dos usuários é necessário haver uma abstração teórica (MACHADO, 2007). Para que esta abstração possa acontecer é preciso o conhecimento teórico do método dialético-crítico, pois este irá tornar claro as leituras de realidade feitas pelos assistentes sociais (FERREIRA, 2010). É esta leitura da realidade, orientada pelo método dialético-crítico, que possibilitará compreender a ampla articulação entre os fenômenos vivenciados pelos sujeitos com a organização da sociedade.



No momento em que o sujeito relata que começou a fazer uso de bebida alcoólica quando iniciou a trabalhar na área rural, com catorze anos, e que esse uso, muitas vezes era incentivado pelo patrão é preciso compreender que essa ação se caracterizava como um alívio para a tensão do trabalho. E, que, a bebida, passou a ser então, um elemento que mascarava diversos outros processos que geravam sofrimento, resultando, em sua vida adulta na violência psicológica no ambiente familiar. Entretanto, tal leitura só será possível houver o desocultamento e compreensão da cadeia de mediações presente no real.

O assistente social faz essas conexões, articulando uma determinada situação, que manifesta a questão social, com uma causa. O profissional compreende essa causa como um efeito condicionado por outra causa, que se constitui como efeito de uma outra, em um movimento de sucessivas aproximações com o real (LEFEBVRE, 1995 apud FERREIRA, 2008). Quando se entende a articulação das partes há o aprofundamento do conhecimento de uma parte. A expressão da questão social, no trabalho dos assistentes sociais, mostra-se como uma situação de sofrimento vivenciada pelo usuário. O profissional deve conhecer essa parte expressa por uma situação concreta, a partir de suas ligações com as outras partes, apreendendo, a questão social nas histórias de vida dos usuários, determinadas pelas relações de produção, as quais os sujeitos se opõem e resistem (FERREIRA, 2008).

Segundo Baptista (2002), o fragmento de uma realidade total que se apresenta como desafio é que configura o objeto do planejamento da intervenção. Então, a partir dos diálogos estabelecidos com o sujeito, alguns pontos de crise foram elencados. O abandono, a relação entre patrão e empregado e o desemprego, o sofrimento causado por essas situações. Quando os usuários pensam, ou tentam refletir, sobre as causas do sofrimento, passam a compreender melhor o processo do etilismo, por exemplo. Ou seja, o álcool representa um anestésico que impede a reflexão. Bloqueando que as lembranças emerjam e que se realize o pensamento crítico acerca delas. Considerando esta apreensão, optou-se por utilizar trechos do texto “Um dia você aprende”, do escritor William Shakespeare.

Foram separadas três frases do texto, são elas: “não importa o quanto você se importe: algumas pessoas simplesmente não se importam”, “não importa o quão boa seja uma pessoa, ela vai feri-lo de vez em quando e, por isto, você precisa estar sempre disposto a perdoá-la” e “aprende que falar pode aliviar dores emocionais”. As frases foram escritas em uma tarja de papel pardo e colocadas em cima da mesa, na ordem em que estão dispostas acima. No decorrer da intervenção realizada se percebeu que seria oportuno trabalhar a terceira frase em um outro momento. Então, iniciou-se o diálogo com o usuário e se pediu a ele que pegasse e lesse a primeira frase.

Percebe-se então, o início de algumas articulações entre os processos vivenciados pelo sujeito e este trecho da poesia. O usuário explicitou que existem pessoas que não demonstram se importar com situações vivenciadas por outras pessoas e estabeleceu uma



correlação deste fato com o vínculo entre patrão e empregado. No momento em que ele expressa na fala a que quando estava imerso no ambiente de trabalho e na relação estabelecida e que por este motivo achava natural os vários processos que aconteciam, pode-se dizer que o distanciamento de seu mundo vivido, oportunizou que este problematizasse as situações experienciadas. Decodificando-as criticamente. Podendo ainda, ser vista como uma interpretação crítica elaborada pelo oprimido em relação ao seu opressor. Ação fundamental para o que Freire demonstra nas seguintes palavras “somente na medida em que se descubram “hospedeiros do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora” (2011, p. 43). Ou seja, quanto mais os sujeitos opõem as situações concretas do real, realizando pequenas rupturas com a lógica hegemônica, mais estes constroem pensamentos que podem fomentar a ação crítica.

Em um primeiro momento, tais articulações podem se mostrar um tanto tolas, entretanto é interessante observar a articulação e o seguimento que o sujeito traz para o diálogo quando relata uma conversa com seu empregador. Na situação em questão eles estavam discutindo acerca do pagamento do salário. O empregado explicava para o patrão que um pagamento com valor fixo era melhor, pois dessa forma ele conseguiria se organizar. Porém, o empregador rebatia afirmando de que desta forma o pagamento seria algo certo e seu funcionário não iria se dedicar tanto ao trabalho. O sujeito contra-argumentou então que no período de safra ele, enquanto trabalhador, ganhava apenas dois salários a mais e o empregador lucrava vinte mil. Nessa mesma situação o sujeito trouxe questões sobre ser considerado trabalhador somente enquanto está no ambiente de produção, aqui no caso a lavoura, e que fora deste espaço o patrão já não tem mais responsabilidade com o empregado. Evidenciando que o trabalhador só tem valor quando está produzindo, caso esteja fora dessa condição já não vale mais nada para os donos da terra.

Tal problematização e articulação são importantíssimas, pois conseguem conectar a essência da frase com os moldes de sociabilidade estabelecidos na sociedade capitalista. Na qual o resultado da exploração do trabalho pelo capital não permite que se enxergue o outro igualmente como pessoa humana, estes são “coisas”. Desenvolvendo uma concepção estritamente materialista de existência, pois nesta ansiedade pela posse desenvolve-se a convicção de que é possível reduzir tudo ao poder de compra. Sendo, então, o dinheiro a medida de todas as coisas e o lucro seu objetivo principal (FREIRE, 2011). Além disto, explicita o conceito de mais-valia, na qual se denuncia a exploração capitalista. Segundo Sandroni (2005) é um como se fosse um cabo de guerra a disputa entre mais-valia e salário, dependendo da força que cada classe possuiu, para tencionar nos espaços de trabalho como fabricas, fazendas, etc. o avanço da mais-valia sobre o salário ou vice-versa. A introdução do livro “O que é mais-valia”, do autor acima citado, ilustra as problematizações deste parágrafo da seguinte maneira:



– “O que você achou da peça?”

[...]

fui assistir meio desconfiado à A mais-valia vai acabar seu Edgar.

[...]

Naquele sábado, no entanto, os trabalhadores convidados talvez tenham ficado mais assustados que eu com a pergunta da jovem [...] mas uma cena da peça coincidia admiravelmente bem com a impressão mais marcante que conservei de minha experiência anterior como assalariado: **alguém sem trabalhar lucrava com o trabalho dos outros.** (SANDRONI, 2005, p. 7 – 9, grifo nosso)

E desta forma, sem ter nenhum contato com os escritos de Marx, por exemplo, os sujeitos já possuem experiência prática que possibilita compreender a exploração capitalista. No entanto, nem todos os sujeitos apresentam tal visão crítica acerca do processo de exploração do trabalho assalariado. Neste sentido, fazer uso da arte, como poesias ou teatro, por exemplo, pode fazer com que os sujeitos percebam com criticidade a sociedade da qual são parte e expressão. Desta forma, a exploração do trabalho pelo capital produz a desigualdade social, o que origina a questão social, que, por sua vez, manifesta-se nas situações evidenciadas neste estudo.

O próprio usuário deu seguimento ao processo, direcionando-se a mesa na qual estavam as frases e lendo a segunda delas, a qual tratava sobre o perdão. O sujeito começou expressando que perdoar era algo difícil para ele, que não era possível perdoar alguém que já fez algo errado pra ele, por exemplo, sendo que ele também já fez coisas erradas para os outros. Após falar sobre isto, ele ficou calado, pensativo e esboçou ao final que achava que era uma questão de reflexão, afinal ele nunca tinha parado para pensar sobre isso.

O diálogo demonstra como a arte, aqui no caso representada pelo seguinte trecho da poesia: “não importa o quão boa seja uma pessoa, ela vai feri-lo de vez em quando e, por isto, vocês precisa estar sempre disposto a perdoá-la”, serviu como elemento que instigou problematizações não pensadas até então. As quais começam na relação patrão – empregado, mas também oferecem condições de avanço no diálogo. A discussão do perdão, assume aqui, uma perspectiva metafórica de “perdoar para libertar-se”, partindo do pressuposto de que tal libertação advém da problematização crítica dos processos vivenciados. Apreendendo-os sob novas perspectivas e rompendo com esse estranhamento entre si e os processos sociais que constituem a construção da identidade social dos sujeitos. O usuário demonstra, no seu relato, uma visão crítica acerca da sociedade de classes. As inquietações do sujeito, confrontam a lógica de funcionamento da sociedade capitalista, referindo-se constantemente as “verdades” que o discurso do projeto societário hegemônico vigente legitima diariamente.

Diante do conteúdo, brevemente apresentado, depreendeu-se que sim, é possível utilizar a arte, aqui em específico a poesia, para instigar a reflexão crítica dos sujeitos. Entretanto, se reconhece que este é um movimento lento, processual, que terá impacto,



primeiramente, nas relações sociais estabelecidas no âmbito familiar. Para posteriormente, transcenderem este espaço e se espaiarem nas demais esferas da sociedade. Como já salientado neste estudo, é preciso reconhecer a importância destas pequenas reflexões, pois a transformação não ocorre de maneira abrupta e linear, mas num movimento de avanços e retrocessos (FERREIRA, 2008).

Salienta-se ainda, que o intuito do presente estudo não foi sacralizar a arte, coloca-la como um elemento de salvação. Pois, de acordo com Scherer (2013), isto seria analisar a realidade ingenuamente, de maneira romantizada e utópica, desconsiderando a totalidade do real. Entretanto, tem-se clareza que o uso da arte enquanto instrumento pedagógico, pode ser caminho para a mediação de processos reflexivos, caracterizando uma intervenção profissional emancipatória junto aos sujeitos usuários dos serviços (PRATES, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificou-se então, a importância do processo de conhecimento antes de se iniciar qualquer processo interventivo, pois conforme Baptista (2002) explicita, é a partir de sucessivas aproximações do assistente social com a demanda imediata que se apresenta no espaço institucional que o objeto do planejamento da intervenção é reelaborado. A partir das categorias do método-dialético crítico, totalidade, historicidade e contradição, é que o profissional vai apreendendo, de maneira mais ampla, a realidade que se apresenta. Tendo em vista que, a ação de apropriar-se da realidade se constituiu enquanto maneira de desvendá-la, compreendendo a demanda aparente como um processo que manifesta em si a essência estrutural que o produz e que, ao mesmo tempo, se interpenetra no decorrer dos acontecimentos da vida do sujeito.

De acordo com Türck (2006), quando o profissional realiza o movimento de articular teoria e prática é que se dá o processo de conhecimento, pois igualmente a Baptista (2002), ela considera que as categorias do método orientam o processo de desvendamento do real. Logo, para operacionalizar este processo de desvendamento é necessário sucessivos encontros entre assistente social e usuário, nos quais o profissional utiliza instrumentos técnico-operativos. A utilização destes instrumentos é mediada com o conhecimento teórico-metodológico, que também integra o instrumental, e faz com que seja possível apreender teoricamente os conteúdos dos relatos que emergem nas entrevistas, visitas domiciliares, etc. (TÜRCK, 2006). Contribuindo, então, na construção do objeto de intervenção e no direcionamento do planejamento para a realização das intervenções.

Como parte deste instrumental o uso da arte mostra-se como uma potente possibilidade. Salienta-se que neste estudo o uso da arte foi feito após a realização do processo de conhecimento. Afinal, considera-se que a partir deste movimento de desvendar



a demanda aparente é que se identificaram elementos para serem problematizados a partir da poesia. Uma vez que a arte não só precisa originar-se de uma intrínseca experiência da realidade, mas também necessita ser elaborada, necessita tomar forma por meio da objetivação (FISCHER, 1979). E quando objetivada passa representar o homem, sendo a materialização de seu pensamento, cultura e valores. Expressando a ligação deste sujeito com a natureza, com os outros homens e com a sociedade da qual é parte. Possibilitando, o “refinamento” de sua consciência enquanto ser social.

Ao se pensar sobre a dimensão pedagógica do Serviço Social identifica-se, através desta particularidade da profissão, a possibilidade de se realizar um trabalho contra hegemônico. Potencializando, o momento interventivo, como um espaço de formação política, estimulando o usuário a refletir criticamente sobre os diferentes contextos que compõe a realidade. De acordo com Abreu e Cardoso (2009), esta característica educativa do trabalho profissional realizado pelos assistentes sociais insere-os na área das atividades educativas formadoras de cultura, ou seja,

o trabalho educativo faz parte do nexa orgânico entre a racionalização da produção e do trabalho e a organização da cultura, por meio do qual são articulados interesses econômicos, políticos e ideológicos, na formação de um modo de vida – cultura – adequado a um dos projetos societários das classes sociais em confronto (CARBONARI, 2013, p. 19).

Por isto, os aspectos pedagógicos dessa profissão são de suma importância para se estabelecer estratégias educativas emancipatórias. Tais estratégias, segundo Abreu e Cardoso (2009), dizem respeito a necessidade histórica de se construir uma realidade societária alternativa à ordem do capital. Logo, tomar a arte como estratégia pedagógica para se realizar a intervenção, mostra-se para o assistente social como um meio de se estabelecer mediações com a realidade objetiva, tanto em dimensões macroscópicas quanto em manifestações cotidianas. A interpretação do real, através de filmes, letras de músicas, poesias, entre outros, são significativos para contextualização histórica, política, social e ideológica das expressões da questão social que se apresentam na vida dos sujeitos. De acordo com este pensamento, a uso da arte pode contribuir para as ações educativas e organizativas, dentro da intervenção do assistente social.

Observou-se, também, durante o transcorrer do processo, que os questionamentos causavam provocações nos sujeitos, fato que se compreende, pois, o acirramento das contradições ou a própria devolução, do que foi dito pelo usuário em forma de indagação, levava-os a refletir sobre a situação. Além disso, podem ter sentido uma certa intimidação devido ao caráter institucional jurídico do espaço no qual estavam sendo realizadas as intervenções. Percebe-se então, que o complexo aparelho de justiça burguês, traz em si um caráter de classe, defendendo claramente os interesses da classe dominante, isto impactará



diretamente na vida dos sujeitos, pois quando “julgados por algum crime, ou por algum ato ilícito, estarão, no limite, à mercê dessa discricionariedade de classe, ainda que isso se dê com muitas e complexas mediações (BORGIANI, 2012, p 50 apud CFESS, 2014, p. 18). Diante deste contexto, é preciso problematizar acerca da judicialização das expressões da questão social e da criminalização destas. Afinal, as possibilidades de resolução para estas situações não propõem a discussão sob o viés de socialização dos meios de produção, como um modo de sanar tais demandas.

REFERÊNCIAS

ABREU, M; CARDOSO, F. G. **Mobilização social e práticas educativas. Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais.** 1. ed. Brasília: CFESS e ABEPSS, 2009.

BAPTISTA, M. V. **Planejamento social: intencionalidade e instrumentação.** São Paulo: Veras, 2002.

CARBONARI, J. G. **A Questão Social Expressa Na Obra Musical De Raul Seixas.** Porto Alegre, 2013.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Atuação de assistentes sociais no sociojurídico: subsídios para reflexão.** In: CRESS/ 7a Região (Org.). Brasília, 2014.

FERREIRA, J.W. **QUESTÃO SOCIAL: apreensão e intervenção no trabalho dos assistentes sociais.** Porto Alegre, 2008.

FISCHER, E. **A Necessidade da arte.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional.** São Paulo: Cortez, 2005.

MACHADO, E. M. **Questão social: objeto do serviço social?** Disponível em: <<https://goo.gl/G2rKne>> Acesso em 20 de Jun. de 2017.

MARX, K. **Manuscritos econômicos e filosóficos.** São Paulo: Biotempo, 2010.

PRATES, J.C. **A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social.** Textos & Contextos, v. 6 n. 2 p. 221-232. jul./dez. 2007, Porto Alegre.

SANDRONI, P. **O que é mais-valia?** São Paulo: Brasiliense, 2005.

SCHERER, G. A. **Serviço Social e Arte: Juventudes e direitos humanos em cena.** São Paulo: Cortez, 2013.

TÜRCK, M. G. M.G. **Processo de trabalho do Assistente Social: elaboração de documentação, implementação e aplicabilidade.** Porto Alegre: Caderno Graturck 001, 2006.